

I

Não conseguimos evitar a impressão de que por toda a parte os homens se regem por falsos padrões, que procuram para si próprios e admiram nos outros o poder, o êxito e a riqueza, ao passo que subestimam os verdadeiros valores da vida. E, no entanto, em generalizações como esta corremos sempre o risco de nos esquecermos da variedade do mundo humano e da vida mental. Certos indivíduos são objecto de reverência dos seus contemporâneos, ainda que a sua grandeza assente em qualidades e feitos em tudo alheios aos intuitos e ideais comuns. Facilmente somos levados a supor que só uma minoria saberá apreciar estes grandes homens, completamente ignorados por todos os outros. Esta facilidade, porém, dado o desfasamento entre a acção e o pensamento dos homens e a multiplicidade dos desejos que os movem, é meramente aparente.

Um destes homens de excepção é meu amigo e correspondente. Quando lhe enviei um pequeno livro meu, que trata da religião como ilusão*, ele respondeu que concor-

* *O Futuro de Uma Ilusão*, 1927. (N. T.)

dava sem reservas com o juízo que eu aí formulava, mas lamentava que eu não tivesse sabido apreciar a verdadeira origem da religiosidade. Referia-se ele a um sentimento particular que nunca o abandonava, que aliás já confirmara junto de muita gente e que supunha ser partilhado por milhões de pessoas. Um sentimento a que ele chamaria uma intuição da «eternidade», de um todo, da ausência de limites, um sentimento, por assim dizer, «oceânico». Este sentimento é, segundo ele, um facto puramente subjectivo, não se constituindo em artigo de fé nem estando associado a nenhuma certeza quanto à imortalidade pessoal; é no entanto ele a origem da energia religiosa que as várias igrejas e sistemas religiosos represam, dirigem para canais determinados e do qual seguramente também se alimentam. De acordo ainda com o meu amigo, este sentimento oceânico só por si é suficiente para que um homem se considere religioso, mesmo renunciando ele a qualquer fé e ilusão.

As palavras deste meu estimado amigo, que louvara ele próprio num poema a magia da ilusão, trouxeram-me não poucos problemas¹. Eu próprio não consigo descobrir em mim este sentimento «oceânico». Não é cómodo lidar cientificamente com sentimentos. Podemos tentar descrever os seus sintomas fisiológicos. Quando tal não seja possível — e receio que também o sentimento oceânico se furte a esta espécie de caracterização —, não nos resta senão atermo-nos ao conteúdo conceptual que mais prontamente lhe associamos. Se bem o entendi, este meu amigo tem em mente uma ideia semelhante à que certo escritor, bastante original e excêntrico, oferece ao herói do seu livro como consolo perante uma morte voluntária: «Deste mundo não podemos cair.»² Um sentimento, portanto, de uma união indestrutível, de pertença ao

mundo exterior como um todo. Pela minha parte, diria que detecto aqui sobretudo o carácter de uma percepção intelectual, sem dúvida que acompanhada pelas ressonâncias emotivas que não faltarão também noutros raciocínios de semelhante amplitude. A julgar pelo meu caso, não consigo convencer-me de que este sentimento seja de natureza primária, mas nem por isso ponho em causa que ele surja de facto noutras pessoas. A questão é apenas a de saber se ele está a ser correctamente interpretado e se deverá ser reconhecido como «*fons et origo*» de todas as necessidades religiosas.

Não tenho nada a propor que possa influenciar decisivamente a solução deste problema. A ideia de um sentimento imediato, que desde o início tenha por função anunciar ao homem a sua ligação com o mundo que o rodeia, parece tão estranha, ajusta-se tão mal ao tecido da nossa psicologia, que se justifica a tentativa de o deduzir em termos psicanalíticos, i. e. genéticos. Podemos recorrer ao seguinte raciocínio: normalmente não temos nada de mais certo do que o sentimento do eu [*Ichgefühl**], do nosso próprio ego. Este ego parece-nos autónomo, uno, bem delimitado por oposição a tudo o resto. Que esta aparência seja enganadora, que o ego se prolongue antes para dentro de si próprio e sem limites definidos, servindo, por assim dizer, de fachada a uma entidade mental inconsciente que designamos como id —, estas são conclusões apenas tornadas possíveis graças à investigação psicanalítica, que terá ainda várias coisas a dizer quanto

* *Ichgefühl* é, na verdade, sinónimo de *Selbstbewußtsein* ou «consciência de si». Ainda que pouco intuitiva, optou-se por uma tradução literal, uma vez que Freud claramente escolheu o primeiro termo em detrimento do segundo para poder estabelecer a relação entre *Ichgefühl* e *ozeanisches Gefühl* («sentimento oceânico»). (N. T.)

à relação do ego com o id. Mas, pelo menos exteriormente, o ego parece asseverar linhas de demarcação claras e definidas. Há apenas um estado — um estado fora do comum mas que não pode ser julgado como patológico — em que tal não acontece. No ponto mais alto do enamoramento, a fronteira entre eu e objecto ameaça esbater-se. À revelia de todos os testemunhos dos sentidos, o amante assevera que eu e tu são um, e está disposto a agir em conformidade. Como é natural, se o sentimento do eu pode ser temporariamente suspenso por uma função fisiológica, pode também sofrer distúrbios causados por processos patológicos. A patologia dá-nos a conhecer um grande número de estados em que a demarcação do eu por oposição ao mundo exterior se torna incerta, ou em que os limites são de facto incorrectamente traçados: casos em que partes do corpo, ou mesmo partes da própria vida mental — percepções, pensamentos e sensações — nos parecem alheios, como se não pertencessem ao ego; outros casos ainda em que se atribui ao mundo exterior aquilo que claramente teve origem no ego e que o ego como tal deveria reconhecer. Temos assim que também o sentimento do eu está sujeito a distúrbios e que as fronteiras do eu não são constantes.

Um outro raciocínio conduz à seguinte ideia: este sentimento do eu do homem adulto não pode ter-se mantido igual a si próprio desde o início. Terá de ter conhecido uma evolução que, não sendo demonstrável, como se compreende, pode mesmo assim ser construída com razoável probabilidade³. O bebé não separa ainda o seu ego de um mundo exterior visto como origem das sensações que a ele afluem. É gradualmente e por reacção a diferentes estímulos que aprende a fazê-lo. Sem dúvida que uma das suas mais fortes impressões é propiciada pelo

facto de algumas fontes de excitação, mais tarde reconhecidas como os órgãos do seu próprio corpo, poderem transmitir-lhe sensações a qualquer momento, ao passo que outras — entre elas a mais desejada: o peito da mãe — lhe escapam de tempos a tempos, sendo recuperadas apenas depois de um grito por ajuda. É deste modo que pela primeira vez o ego se confronta com um «objecto», com qualquer coisa que está «do lado de fora» e cuja presença se manifesta na sequência de uma acção especial. Este processo de separação do eu de uma massa indiferenciada de sensações, e logo também de reconhecimento de um «lado de fora», de um mundo exterior, é incentivado ainda pelas frequentes, variadas e inescapáveis sensações de dor e de desprazer [*Unlust*], que o todo-poderoso princípio de prazer [*Lustprinzip*] tem por função eliminar e evitar. Surge a tendência para separar do ego, de lançar para fora, tudo o que possa estar na origem deste desprazer, de constituir um ego-prazer [*Ich-Lust*] puro, por oposição a um mundo exterior alheio e ameaçador. Os limites deste ego-prazer primitivo não podem subtrair-se a uma rectificação imposta pela experiência. Certas coisas de que não se quer abdicar, porque proporcionam prazer, não são ego mas sim objecto; por outro lado, certas causas de sofrimento que se pretende expulsar revelam-se, contudo, inseparáveis do ego por terem uma origem interna. Através do direccionamento intencional da actividade dos sentidos e de uma acção muscular apropriada, aprende-se um procedimento de distinção entre o que é interior (pertencente ao ego) e exterior (proveniente do mundo circundante), sendo assim dado o primeiro passo para a introdução do princípio de realidade [*Realitätsprinzip*] que dominará toda a evolução posterior. Esta distinção, é claro, serve o fim prático de nos de-